

## Dendezeiros de Petrópolis como Afroinscrição

**Ágatha Bianca Corrêa**<sup>i</sup> 

Colégio Estadual Rui Barbosa, Petrópolis, RJ, Brasil

**Tábatha Bianca Corrêa**<sup>ii</sup> 


Colégio Estadual Rui Barbosa, Petrópolis, RJ, Brasil

**Dann Dara Elizabeth Rodrigues da Costa**<sup>iii</sup> 

Colégio Estadual Rui Barbosa, Petrópolis, RJ, Brasil

**Roberta dos Santos Gregório Neves**<sup>iv</sup> 

Universidade Federal de Juiz de Fora, Petrópolis, RJ, Brasil

**Henrique Cunha Junior**<sup>v</sup> 

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil

1

### Resumo

Esse artigo retrata um dos resultados de uma atividade de sala de aula, que objetivava encontrar identidades negras urbanas, na cidade de Petrópolis, região Serrana do estado do Rio de Janeiro. Petrópolis apresenta-se oficialmente, como cidade Imperial de imigração europeia, estando encobertas as referências da população negra na construção da cidade e na produção da cultura local. Nesse artigo, apresentamos uma das afroinscrições surgidas na prática educacional, realizada com estudantes do curso Normal, em conformidade com a lei nº10.639/2003, que implica no estudo da História e Cultura Negra em todos os níveis da educação. Essa prática de sala de aula é parte de uma pesquisa que utiliza a metodologia afrodescendente de pesquisa na educação, bem como os conceitos de bairros negros e afroinscrições, para promoção de um estudo da população negra e suas africanidades na cidade de Petrópolis-RJ.

**Palavras-chave:** Afroinscrições. Dendezeiros. Etnobotânica. Bairros Negros. Sala de aula.

### Oil palm trees from Petrópolis as Afroinscription

#### Abstract

This article portrays one of the results of a classroom activity, which aimed to find urban black identities, in the city of Petrópolis, mountainous region of the state of Rio de Janeiro. Petrópolis officially presents itself as an Imperial city of European immigration, with the references of the black population in the construction of the city and the production of local culture being hidden. In this article, we present one of the afroinscriptions that emerged in educational practice, carried out with students of the Normal course, in accordance with law no. 10,639/2003, which implies the study of black History and Culture at all levels of education. This classroom practice is part of a research that uses the Afro-descendant methodology of research in education, as well as the concepts of black neighborhoods and Afro-inscriptions, to promote a study of the black population and its Africanities in the city of Petrópolis-RJ.

**Keywords:** Afroinscriptions. Oil palm trees. Ethnobotany. Black Neighborhoods. Classroom.

## 1 A importância dos marcadores das afroinscrições nos territórios negros

As populações negras existentes nas salas de aulas e nas cidades precisam ser incorporadas aos processos educativos no sentido de integrarem as pessoas e os coletivos dessa população aos currículos e à vida cidadã. As integrações são parte do direito à educação e do direito à cidade.

Durante todo século XX, foi denunciada a existência de processos sociais de discriminações, racismos e demais formas antissociais nas instituições de ensino, no mundo do trabalho e na vida cotidiana. As manifestações e reivindicações dos afrodescendentes foram ignoradas pela maioria da sociedade por quase todo o século XX. No entanto, desde 1995, devido a um grande protesto realizado em Brasília pelos movimentos negros de todas as regiões do país, o governo brasileiro reconheceu a existência de racismo na sociedade brasileira e estabeleceu uma pauta de reparação das perdas sociais e de políticas públicas de combate a todas as formas de racismos e discriminações contra essa população.

A negação do pleno exercício de direito à cidadania para os afrodescendentes, é um forte indicador do racismo antinegro no país, contudo há uma ideologia predominante no Brasil, de que os problemas da população negra estão mais fortemente ligados aos problemas econômicos, que geram as desigualdades sociais ao longo dos anos. Portanto, uma parcela significativa da população pensa ser desnecessária ações de combate às diversas formas de racismo e políticas de ações afirmativas. Assim sendo, identificamos diversas formas de exclusão ou de silenciamento das questões raciais nas práticas educacionais.

No início dos anos 2000, depois de pelo menos cinco anos de discussões e organizações de grupos de trabalho do movimento negro, dentro do Ministério da Educação, ficou evidenciado que o currículo e as práticas pedagógicas até o início do século XXI, não contribuíam para a promoção da igualdade nas relações étnico-raciais. Assim foi instituída a Lei nº10.639/2003, que rege sobre a inclusão da História Africana e da História Afro-brasileira nas instituições de Ensino Público e Privado, que visa estimular práticas de ensino que combatam as formas de racismo na formação

educacional do país. No sentido de ampliarmos a formas de implantação dessa lei é que se justifica esse artigo.

Um dos problemas identificados na educação étnico-racial brasileira, foi a falta de referências específicas e práticas de inclusão do negro nos currículos escolares e nas práticas de sala de aula.

Nesse sentido, foram elaborados métodos de procura e compreensão dos marcadores de identidade das populações negras nas cidades e demais localidades, como as comunidades de quilombo. Para as marcas históricas do pertencimento espacial das populações negras, foi produzido e desenvolvido o conceito de afroinscrições (Silva, 2018). A pesquisadora Renata Silva (2018) considera afroinscrição todo registro documental, material ou imaterial da presença africana ou afrodescendente numa determinada localidade.

A partir desse conceito, desenvolvemos uma prática pedagógica apresentando as afroinscrições, os marcadores de população negra e urbanização afrodescendente, apresentados por Renata Silva (2018), em uma aula de Geografia ministrada para estudantes do Curso Normal, na cidade de Petrópolis/RJ.

Após a apresentação dos conceitos, estimulamos os estudantes a procurarem e nos apresentarem outras afroinscrições. Um dos resultados obtidos é o objeto de estudo desse trabalho.

## 2 Os dendezeiros de Petrópolis como afroinscrição

Narraram a história da família na cidade de Petrópolis a partir do marcador dos dendezeiros, duas irmãs e uma amiga vizinha, as três estudantes do Curso Normal do Colégio Estadual Rui Barbosa, na cidade de Petrópolis/RJ, onde foi realizada a prática educacional.

*Os coqueiros de dendê foram plantados pelo meu bisavô e seus amigos, que os presenteou com esses coqueiros. Ele era baiano e trouxe as mudas quando veio para cá. Minha avó chamava pelo apelido de “Baiano”. Minha avó assim o chamava. No entanto ela acreditava que o nome dele era Severino. Estima-se que os coqueiros tenham 65 anos já que as mudas quando chegaram a minha avó tinha mais ou menos 15 anos de idade. As mudas “eram mudas de três a cinco anos pelo tamanho.*

Essa narrativa surgiu em virtude da professora ter explicado o conceito de afroinscrição e da importância das histórias das famílias da população negra, das formas que essas famílias participaram da criação dos lugares, dos bairros e das cidades.

A família possui um terreno onde moram desde pelo menos a geração do bisavô e da bisavó, e que foram os primeiros moradores daquele lugar. Como marco das origens, existem esses coqueiros de dendê apresentados na figura 1. Esses coqueiros também compõe a paisagem do lugar e servem como referência da infância das gerações de familiares.

Figura 1 – Fotografia dos dendezeiros da quinta da família Moraes, na cidade de Petrópolis/RJ



Fonte: arquivo dos autores.

As estudantes também relataram a importância da presença dos dendezeiros ainda hoje em suas vidas, pois as levam a lembrar as lembranças da infância,



bem como da dinâmica ecológica do local em que vivem e relação intrínseca das estudantes com a natureza.

*A importância desses coqueiros para mim é sobre as lembranças da minha infância, já que eu sempre aproveitava as folhas e as palmeiras delas. Essas árvores sempre foram algo muito importante para mim, pois não somos apenas nós que consumimos seus frutos. Alguns animais, como araras, maritacas, esquilos etc., se abrigam nessas árvores, usufruindo de seus frutos e sua proteção, além do som que elas fazem quando suas folhas estão balançando ao vento, é algo que me lembra os dias mais felizes que tivemos. Ultimamente, eu fico esperando o esquilo ou a maritaca jogar os coquinhos no chão porque eles são muito altos.*

As narrativas trazidas pelas estudantes também nos revelam um conhecimento sobre os ciclos produtivos da palmeira e as relações de vizinhanças típicas de bairros negros, nesse caso, relações que se formaram a partir das árvores.

*Geralmente ele dá frutos entre junho e final do ano. Nós não utilizamos o óleo de dendê porque a minha avó não gosta muito, mas às vezes consumimos o fruto. Quando eu era pequena, as crianças da rua sempre iam pegar o coquinho para comer e foram elas que me ensinaram a abrir o coquinho.*

A mãe das alunas, a senhora Marcela Morais Jacob Barbosa, também relatou sobre o nome dado popularmente ao coco do dendê e a relação da família com as árvores e seus frutos. “Conhecemos o coco de dendê como coquinho catarro, nunca fizemos extração de nenhum óleo e a colheita era feita quando o cacho despencava”.

Interessante perceber que apesar de toda relação de afeto com as árvores e seus frutos, a família nunca produziu ou consumiu o óleo porque a avó não gosta do azeite de dendê. Assim toda a relação se dava a partir dos ciclos da própria espécie, suas relações ecológicas e a contemplação da família e dos vizinhos.

Mas ouvindo as histórias, também observamos algo muito típico da cultura afro, a relação de carinho e respeito com a avó, a matriarca Dona Marli Moraes, bem como com suas memórias ancestrais. Nós gostaríamos de tê-la entrevistado, ela

está com mais de 80 anos, mas as estudantes nos alertaram de que devido a idade avançada está com a mente um pouco confusa, oscilando entre momentos de delírio e lucidez. Respeitamos o direito e o cuidado da família e coletamos apenas as lembranças relatadas pelas netas e pela filha.

### **3 População Negra, Bairros Negros, Territórios, Afroinscrições & Identidade - conceitos de trabalho**

6

Fazer parte de uma coletividade é importante para todas as pessoas e faz parte do direito à cidadania. Entender seu lugar no mundo, a sua história e as relações sociais em que se vive é fator necessário para o equilíbrio psicológico, e para inserção dignas das pessoas na sociedade. Esses fatores são pouco considerados pela educação brasileira no que é relativo à população negra e suas especificidades e particularidades. Existe uma história e uma cultura específica das populações negras no Brasil que a educação brasileira tem dificuldade em considerar (Cunha Júnior, 2001), em parte por desconhecimento dos professores e em parte pela maioria dos educadores não quererem fazer contraponto com a realidade que está inserida.

O silêncio sobre as populações negras nos sistemas educacionais implica num grande prejuízo para o alunado negro. Esse silêncio contribui no fortalecimento das formas de exclusão parcial dessa população na sociedade. Podemos afirmar que a maioria dos negros e descendentes de negros no Brasil sempre vivem, direta ou indiretamente, o dilema de por que é difícil, ruim, desconfortante ser negro na sociedade brasileira? Os conceitos que seguem fazem parte de conjunto de informações que visam estabelecer parâmetros para abordagem sobre as populações negras na educação brasileira. Lembrando que os problemas dessa abordagem não são apenas do combate às formas explícitas e implícitas de racismo antinegro e de discriminação, mas também de reconhecimento do legado da população na sociedade brasileira. O princípio de inclusão da população negra não se restringe apenas ao combate as formas de discriminações, é mais profunda porque implica em instâncias de reparações aos direitos históricos que foram sequestrados.

Na sequência apresentamos os conceitos de *população negra*, *patrimônio cultural das populações negras*, *bairros negros* e *territórios de população negra*, *afroinscrições*, *identidades das populações negras*.

População negra é um conceito que pode ser trabalhado por diversas abordagens. Uma delas é a de utilizar os conceitos do IBGE, quando dos censos em classificar as populações pela autodeclaração em pretos e pardos. O conceito de população negra pode ser aferido pela somatória dos pretos e pardos do censo do IBGE. A história do Brasil apresentou a importação sistemática de africanos e esses formaram uma ampla descendência no Brasil. Essa é uma segunda maneira de abordar as populações negras. A história do Brasil criou uma população negra em seus diversos aspectos. População negra pode ser definida a partir da história do Brasil como a população que sofreu os crimes do escravismo criminoso e do capitalismo racista. Certamente por esses critérios não conseguiremos nomear a totalidade dessa população, mas uma grande maioria que foi afetada e ainda o é pelas formas de dominação eurocêntrica e brancocêntrica existentes na formação econômica e social brasileira. As duas formas apresentadas são sem levar em conta o conceito de raça social ou raça biológica. Encontrar-se na sistemática sugerida evitar os conceitos de raças devidos os problemas que eles causaram a humanidade.

O tema dos patrimônios culturais da população negra e do seu uso na educação é abordado na tese de doutoramento de Marlene Pereira dos Santos (Santos, 2020). Patrimônio cultural da população negra é tudo que confira valor a memória negra, a identidade negra e a produção da história e cultura negra. O conceito de patrimônio cultural é um acessório que auxilia na seleção e identificação dos bens culturais que sinalizam a cultura negra e produzem as identidades negras. Através do patrimônio cultural é possível constituir um acervo de bens culturais que permita a compreensão da cultura negra de uma localidade, de um bairro, de uma cidade ou de uma região geográfica. O reconhecimento dos patrimônios culturais negros é importante, para mostrar a contribuição notória dos africanos e afrodescendentes para a criação da cultura brasileira e para a cultura geral reconhecida da sociedade.

Bairros negros são lugares físicos - conceituais para repensarmos o urbanismo brasileiro e as relações sociais brasileiras a partir da constituição das cidades formadas dentro da nossa realidade histórica. Lugar físico, pois é o real, são lugares onde habitam populações de pretos e pardos segundos os conceitos do IBGE e que designamos como negros. O lugar onde residem os herdeiros despossuídos do passado escravista criminoso, inseridos nos processos de urbanização brasileira do período do pós-abolição e vivendo a materialização do capitalismo racista. São lugares produzidos pelas relações entre populações negras e brancas dentro de uma estrutura racista e capitalista. São lugares conceituais visto que permite uma elaboração de modelos de análise para explicar a vida da população negra dentro de territórios negros, produzindo cultura negra, cerceados pelo racismo antinegro (Cunha Júnior, 2007).

Bairros negros são lugares de formação de patrimônio cultural material e imaterial que orientam a produção de identidades negras. São territórios de reivindicação da cidadania e de redistribuição dos resultados da produção social pelas formas de urbanização da cidade. São lugares onde um conjunto de instituições organizam a ocupação do solo urbano e a produção das desigualdades nas cidades brasileiras baseados em premissas de dominação ocidental. As desigualdades sociais são organizadas e construídas na arquitetura das cidades, na distribuição de códigos de construção e legalização do uso do solo e de onde se estabelecem as moradias e de como o direito sobre elas é exercida pelos moradores e interpretada pelos poderes públicos. Para a educação o conceito de bairros negros leva a focalizar a existências de populações negras na cidade de Petrópolis e instruir os currículos com referência a geografia urbana.

Territórios negros é a ampliação dos marcadores de bairros negros. Os territórios implicam nas áreas de influência de uma determinada população mesmo que ela não habite essas áreas, mas os produtos dessa população se expandam por essas áreas. Quando a cultura de um lugar se irradia numa área mais ampla e produz um território de influência (Martins, 2017). Os lugares históricos onde a população negra trabalhou implicam e territórios negros também. No passado as ferrovias que cortavam a cidade de Petrópolis eram locais de trabalho de uma maioria de empregos negros, isto implica que os sítios ferroviários da cidade foram territórios negros. Assim



como as áreas centrais de comércio da cidade que eram lugares de grande afluência de quitandeiras e comerciantes ambulantes negros se constituiu como um território negro do passado da cidade (Silva, 2018).

Afroinscrição foi um conceito desenvolvido na tese de doutoramento de Renata Aquino Silva e que revela como a população negra registrou as marcas da sua existência nos espaços das localidades brasileiras (Silva, 2018). Considera-se afroinscrição quaisquer registros: material e imaterial, botânico, arquitetônico, documental ou de história oral, acerca do povo negro em alguma localidade. As afroinscrições são um conceito que remete a arqueologia das populações negras, sobre como essa população fixou marcadores históricos da sua existência e se manteve permanente em diversas espacialidades. A partir das afroinscrições é possível reconstituir a história e a geografia das populações negras. As afroinscrições permitem o reconhecimento dos patrimônios culturais da população negra.

As identidades das populações negras podem ser tomadas como o reconhecimento das pessoas e de seus coletivos como relação os “Ser Negro no Brasil”. A relação é sistêmica coletiva decorrente de todas as interações entre os grupos populacionais e culturais (Cunha Júnior, 2010; Cunha Júnior, 2022). Vamos tomar a identidade para a situação da população negra no mesmo sentido da constituição dos seres humanos no seu conjunto, produtos das relações entre os seres humanos, dos seres humanos com a localidade, da interação de seres habitantes de um território. Vamos definir a identidade como o sentimento de existir e de pertencer a um conjunto social.

A identidade negra, individual ou coletiva, é a noção de existir e pertencer a um conjunto populacional na sociedade. Trata-se de uma noção em constante transformação, onde a identidade pode ser consciente ou não, reivindicada ou não, no entanto todas as pessoas possuem fatores os constituem como seres humanos, e estes fatores produzem as identidades (Mariosa, 2007). Portanto, as identidades negras são fatores dos autorreconhecimentos da população como parte de um conjunto social.

#### 4 A botânica e a química dos dendezeiros

O dendezeiro é uma palmeira africana de origem da região do Golfo da Guiné com variadas utilidades econômicas, sendo a mais importante a produção do óleo de dendê. A palmeira de dendê foi trazida da África no período do escravismo criminoso devido as suas múltiplas utilidades para as atividades na economia e na saúde da população. Além do óleo para fins alimentares outras aplicações econômicas ocorreram como a de lubrificante de máquinas e ferramentas, sendo que óleo também serviu como combustível, produção de velas para iluminação, sabão, cosmético e medicamentos para doenças cardíacas e infecciosas. Tanto a palha do dendê, como a fibra dos cachos e os troncos foram utilizados em várias aplicações na economia. O fator de maior importância do dendê para população é o nutricional. O dendê serve para combater a desnutrição e as anemias.

Como fonte da produção de óleos vegetais o dendezeiro é a mais importante árvore devido a quantidade e a qualidade de óleo produzido por cada árvore por ano e por área plantada. O dendezeiro frutifica quase que praticamente o ano todo, possibilitando a produção contínua do óleo retirado dos frutos denominados como coco de dendê.

O dendezeiro e as aplicações econômicas e nutricionais do óleo de palma de dendê representam uma importante herança africana para o mundo uma vez que a planta se espalhou em diversos lugares do mundo de presença e de colonização africana. Entendendo colonização como a transferência de conhecimento e não a forma de exploração escravistas. Os africanos colonizaram a sociedade brasileira devido às transferências de conhecimentos, produtos e costumes culturais. Dentre esses conhecimentos e produtos um de grande importância econômica é a do dendê.

#### 4.1 A produção do azeite ou óleo de dendê

Os frutos de dendê são produzidos em cachos de coquinhos avermelhados ou de tonalidade mais escura. Esses coquinhos são colhidos e cortados separando a carne da amêndoa central, o caroço do dente. Tanto a carne do fruto como a amêndoa produzem dois tipos de óleos vegetais diferentes, o de palmiste, extraído da semente e o de dendê da polpa.

A extração do óleo da parte carnosa do fruto é realizada por prensagem a frio, produzindo uma melhor qualidade ao óleo para os usos na culinária. A extração do óleo também pode ser realizada a quente, em água na temperatura de 80 graus e por um cozimento de uma hora. Os processos a frio embora menos produtivos quanto a quantidade oferece maior qualidade nutricional ao produto.

#### 4.2 Do óleo do dente também se faz sabão e produtos cosméticos

No campo da nutrição e da saúde o azeite de dendê figura como fonte de ômega 6 e 9, vitamina A e vitamina E, por isso, pode ter alguns benefícios para a saúde, sendo os principais relacionados a promover a saúde da pele e dos olhos, Fortalecimento do sistema imunológico, melhora o funcionamento dos órgãos reprodutores. Devido a presença de quantidade de antioxidantes, que atuam diretamente sobre os radicais livres e que constituem uma prevenção dos processos de envelhecimento do organismo.

O dendê e os processos de uso foram conservados na sociedade brasileira principalmente pelos terreiros de candomblé devido a importância que o dendezeiro e o azeite de dendê possuem nas religiões de matriz africana. Foi através dos terreiros de candomblé que se transmitiram os conhecimentos de como fazer sabões, cosméticos e banhos com as plantas de origem africana no Brasil.

O caroço de dendê representa uma ligação cultural entre o África da região loruba e Brasil, por meio do candomblé devido aos usos e histórias ligando esse elemento a vida dos orixás. Ligação que traduz memória história e conhecimentos dos usos dos vegetais no preparo de comidas, banhos e formas de conservação da saúde. A cultura do candomblé é um acervo de conhecimentos africanos, divinizados para uso das comunidades que utilizam os sistemas de conhecimentos africanos, sendo o uso dos produtos do dente um capítulo de grande importância (Paradiso, 2011).

O processamento do dente e os seus usos constitui um tema importante para o ensino de química, físico-química e botânica a partir dos conhecimentos africanos (Ferreira Neto, 2022), (Cunha Júnior, 2024), (Benite, *et. al.*, 2018).

## 5 A localização dos dendezeiros de Petrópolis

Nas escolas públicas ou privadas da intitulada “Cidade Imperial”, com todos os monumentos expressos na paisagem, é ensinado que Petrópolis foi fundada por D. Pedro II e edificada por colonos alemães. Os alemães teriam aberto caminhos para que também os imigrantes/colonos italianos e japoneses contribuíssem para a construção arquitetônica e organização econômica da cidade na segunda metade do século XIX. Todo esse projeto de cidade teria ocorrido apenas após a compra das terras da Fazenda do Córrego Seco, no início do século XIX, pelo autoproclamado imperador D. Pedro I. Entretanto, ele não chegou a realizar o sonho de morar nas serras fluminenses. Esse sonho seria realizado anos mais tarde por seu filho, D. Pedro II que idealizou e deu o nome a cidade em uma dupla homenagem (em memória do pai e a si próprio). No discurso hegemônico e na vasta literatura sobre a história da cidade, não houve contribuição do negro no projeto de urbanização da cidade de Petrópolis.

Entretanto, há registros documentais que contrariam tais teses. A grande virada para a memória negra em Petrópolis ocorre em 2018, quando a pesquisadora Dra. Renata Aquino da Silva defende sua tese intitulada “*Afroinscrições em Petrópolis: histórias, memórias e territorialidades*”.

As *afroinscrições* mostradas na supracitada pesquisa comprovam um urbanismo negro (africano e afrodescendente) muito anterior ao documento de fundação da cidade (datado de 1843). O Quilombo da Vargem Grande, fundado em 1820, que no auge chegou a ter 200 pessoas é prova incontestável do urbanismo negro pré-existente. A narrativa oficial relata que toda a área que compunha a Vila Imperial foi construída pelos colonos alemães, mas os primeiros alemães chegam apenas em 1845 (2 anos após o início das obras). Outro dado interessante levantado na tese, é a ocultação de 14 africanos assalariados e livres, contratados por D. Pedro II para a construção do Palácio de Verão da família Imperial, hoje sede do Museu Imperial (Silva, 2018). Registros também contestam a antiga versão de que a fundação da cidade inaugurou no Brasil a primeira colônia livre da escravidão, uma vez que há relatos jornalísticos de populações escravizadas sendo comercializadas, açoitadas e alforriadas na praça central da Vila Imperial, que hoje é chamada de Praça da Liberdade, nesse mesmo local existia um pelourinho.

Importante destacar que, no imaginário social do brasileiro, só é possível pensar na história do negro como escravizado, não como pessoas, trabalhadoras, dotadas de inteligência e tecnologias próprias, tampouco como colono, como afirmava Manuel Querino (1913). O negro reduzidamente visto como escravizado é uma visão que foi construída estruturalmente ao longo dos séculos por políticas pautadas na racialização social, econômica e cultural. O mesmo evidentemente ocorre em Petrópolis.

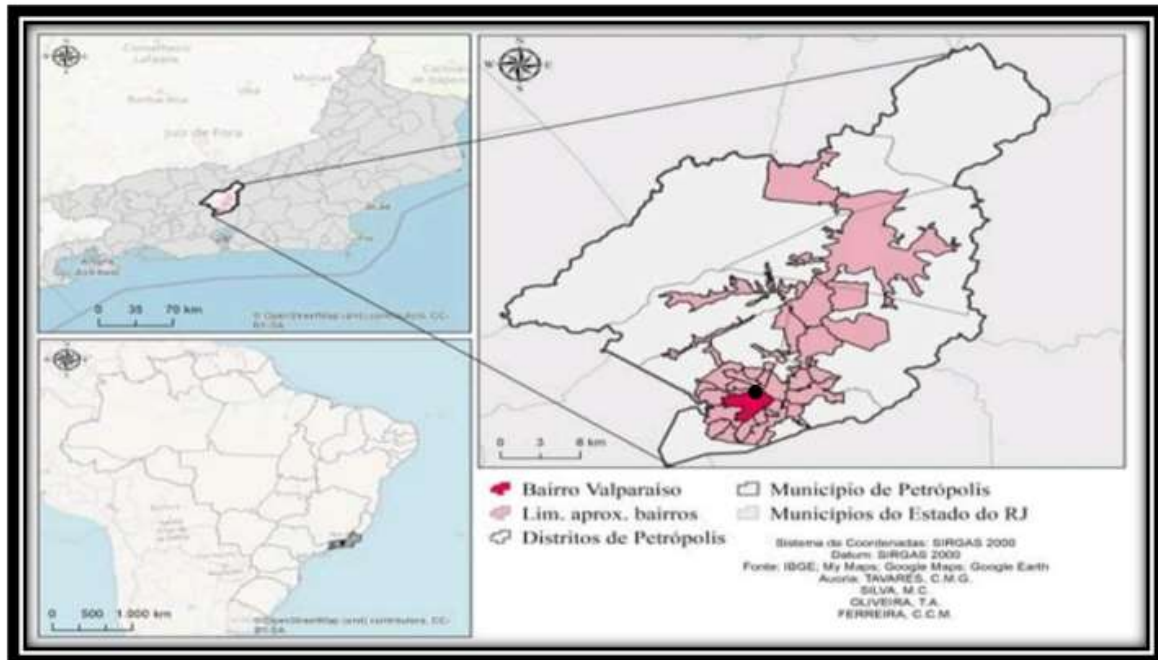
13

Contudo, a identificação de várias afroinscrições que mantêm as tradições e o legado das tradições africanas na municipalidade vem contra-argumentar o senso comum. A presença de três palmeiras de dendê na comunidade do “Canto do Cemitério” (uma localidade pertencente ao bairro do Valparaíso, conforme a figura 2) é uma prova cabal para o que afirmamos ser símbolo de resistência e reprodução das tradições de forma a garantir sobrevivência e repassar tecnologias de geração para geração.

O ‘Canto do Cemitério’ é um bairro negro, não somente pela presença do Dendê, mas fundamentalmente porque a maior parte de seus moradores são negros. O nome dessa localidade foi dado pelos seus moradores pois ela sedia o Cemitério Municipal da Cidade. Eles dão importância e veem com normalidade os ritos fúnebres que acompanham diariamente, mesmo porque muitos se ocupam da função de coveiros ou de serviços gerais na conservação do patrimônio das famílias que tem campas ou mausoléus no cemitério.



Figura 2 – Localização aproximada da localidade Canto do Cemitério, pertencente ao bairro do Valparaíso, em Petrópolis/RJ



Localidade do Canto do Cemitério  
Fonte: Tavares, *et. al.*, 2021, p. 52

A proposta do poder municipal em rebatizar o nome da comunidade como Oswaldo Cruz, é mais uma tentativa de ocultação das origens negras do bairro. A explicação encontrada pelas autoridades é o fato de que, na entrada do bairro, tem uma casa que foi moradia de veraneio do reverenciado político e sanitarista Oswaldo Cruz. Entretanto, a própria casa de Oswaldo Cruz, não tem sua conservação ou referência histórica valorizada como aporte turístico. Poucos conhecem essa história e pouco se sabe os motivos que fizeram a família abandonar o imóvel que atualmente sedia os cursos de uma universidade à distância (UNOPAR).

Importante destacar que esse bairro é situado na parte central da cidade, muito próximo ao centro urbano, que pode ser alcançado numa breve caminhada de 15 minutos, o que justifica seu adensamento populacional crescente e uma disputa imobiliária de longa data, que não é mais aguçada pela presença do cemitério público municipal.

Petrópolis é uma cidade serrana que atualmente pertence a região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, com 278.881 habitantes (IBGE, 2024). É reconhecidamente uma cidade turística, não apenas por sua história, mas por estar localizada sobre as escarpas do Planalto Atlântico. A municipalidade encontra-se no bioma da Mata Atlântica que é protegido por várias unidades de conservação. Dentre as mais importantes estão o Parque Nacional da Serra dos Órgãos (PARNASO), a Reserva Biológica de Araras e a APA-Petrópolis (Área de Proteção Ambiental que abriga seis municípios, mas sua maior parte abrange o território de Petrópolis). Por tais motivos, somado ao seu clima Tropical de Altitude (que lhe garante verões com temperaturas que oscilam entre os 21°C e as máximas de 35°C), a cidade é uma das rotas dos circuitos ecoturísticos do Brasil e dos circuitos de charme durante os invernos.

Quando chegou ao nosso conhecimento a presença de dendezeiros em Petrópolis, nos indagamos sobre como essas 3 espécies conseguiram crescer e se manter por mais de 60 anos, com produção de frutos, em uma localidade cujos invernos têm temperaturas que podem chegar, em alguns dias, próximas do 0°C nos pontos de maior altitude do sítio urbano.

Segundo dados do Ministério da Agricultura, o plantio da Palmeira de Dendê deve ser realizado em locais cuja média de temperatura esteja, entre 25°C e 27°C, com muita insolação e chuvas bem distribuídas o ano inteiro. Percebemos que apesar dos invernos em Petrópolis serem um pouco abaixo da média de temperaturas determinadas, por cerca de mais de 8 meses as temperaturas locais se encontram dentro da média estipuladas. Além disso, as chuvas são abundantes e bem distribuídas ao longo de todos os meses.

Figura 3 – Fotografia Panorâmica dos Dendezeiros numa colina – Localidade Canto do Cemitério



Fonte: arquivo dos autores

Por fim, a localização dos dendezeiros no alto de uma colina, em uma região central da cidade, altamente urbanizada, permite que as temperaturas no inverno não sejam tão baixas e ocorra uma boa insolação das árvores o ano inteiro. Diante do exposto, percebemos o profundo conhecimento botânico e de agronomia que os ancestrais afrodescendentes possuíam.

## 6 Considerações finais

Pensamos ser essencial que as escolas criem estratégias inovadoras para a implementação da Lei nº 10.639/03, reformulada pela Lei nº 11.645/08, que vão além das atividades culturais pontuais. Assim como apontado por Braúna, Souza e Andrade Sobrinha, também ressaltamos que elas devem assumir o “compromisso de buscar mudanças para que estudantes tenham acesso as ações não somente em datas específicas como o Dia da Consciência Negra. [...] A “neutralidade” da história e da linguagem sustenta e mantém o racismo”. (BRAÚNA *et al*, 2022, p. 5). De certo que tais celebrações são importantes, mas não são suficientes para combatermos o racismo institucional e epistêmico na escola e na sociedade.

Os conhecimentos e as afroinscrições da população negra na formação e no desenvolvimento da cidade de Petrópolis são múltiplos e necessitam de um olhar

atento e sistemático por parte dos veículos de transmissão da cultura e de conhecimento. Esses processos executados nas salas de aula tem um grande interesse para os estudantes em geral, especialmente para as populações negras porque recuperam uma dignidade social e um pertencimento populacional que foi roubado pelas práticas da educação eurocêntrica e racista que foram estabelecidas na cultura educacional brasileira.

17

Práticas essas que a maioria dos educadores não tem consciência da sua existência e muito menos das suas consequências na população negra, contribuindo de modo sistemático para evasão escolar, para o desinteresse pelos temas educacionais e para o desalento como cidadãos parte de uma sociedade. De um modo geral os currículos e prática educacionais tradicionais levavam a considerar a população negra, os seus feitos e conhecimentos como quase que nulos na formação do Brasil e da sociedade brasileira. O reconhecimento quantitativo, histórico, e efetivo da importância da população na formação da cidade de Petrópolis é um processo em curso e as práticas abordadas nesse artigo constituem a indicação de caminhos necessários a essa realização.

Nossa proposta é de que tais atividades também possam proporcionar outros tipos de avaliações em sala de aula, possibilitando que o alunado negro possa se destacar, se sentir protagonista e, por consequência, obter bons desempenhos.

Da mesma forma que é abordada no artigo, de forma específica para a Cidade de Petrópolis, também se fazem necessária essas reflexões para as demais cidades brasileiras. Portanto a abordagem desse artigo é considerada pelos autores com uma contribuição original para a educação local e para a nacional.

## Referências

BENITE, Anna Maria Canavarro *et al.* Cultura africana e afro-brasileira e o ensino de química: estudos sobre desigualdades de raça e gênero e a produção científica. *EDUR • Educação em Revista*. 2018; 34: e193098 DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698193098>

BRASIL. **Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a



obrigatoriedade da temática “História e Cultura Africana e Afro-Brasileira”. Brasília: Diário Oficial da União, 2003.

BRAÚNA, Carla J. D. Letramento racial crítico: ações para construção de uma educação antirracista. In: **Revista Ensino em Perspectivas**. Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas>. Acesso em: 10/08/2024.

CONCEIÇÃO, Alexandre F. da. Das construções identitárias à cultura escolar: reflexões sobre as concepções pedagógicas de uma professora. In: **Revista do PEMO**, Fortaleza, v. 6, p. 112-46, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v6.e11246><https://revistas.uece.br/index.php/revpemo>. Acesso em: 12/08/2024.

CUNHA JUNIOR., Henrique. Africanidades, Afrodescendência e Educação. **Revista Educação em Debate**, Ano 23, V. 2 - No. 42. Fortaleza: FAGED/UFC, 2001. p. 05-15.

CUNHA JUNIOR, Henrique. História e Memória de Bairros de Maioria Afrodescendentes. In: José Gerardo Vasconcelos; Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Junior; Zuleide Fernandes de Queiroz; José Edvar Costa de Araújo. (Org.). **Interfaces Metodológicas na História da Educação**. 1ed. Fortaleza: Edições da UFC, 2007-1, v. 1, p. 77-89.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **História dos Afrodescendentes no Brasil**: disciplina do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará. In: *Revista Espaço Acadêmico*, nº 232 – bimestral - jan./fev. 2022 (pdf).

CUNHA JUNIOR, Henrique. Plantas africanas na flora brasileira. **Revista da ABPN**. 2024.

EMBRAPA. **A cultura do Dendê**. Col. Plantar Embrapa/CPAA: Brasília, 1995. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/100649/1/00013560.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2024.

FERREIRA NETO, José Olímpio. Práticas pedagógicas para ciências da natureza: buscando aforreferências. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2022.

IBGE. **Censo Demográfico**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/petropolis/panorama>. Acesso em: 10 mar. 2024.

MARIOSIA, Gilmara Santos. **Memória e representações sociais de práticas religiosas de matriz africana**. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. 2007.



MARTINS, Alessandra Ribeiro. **Matriz africana em Campinas – territórios, memória e representação**. Tese (Doutorado em Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2016. Disponível em: [tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/928](https://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/928). Acesso em: 23 nov. 2017.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. **Dendê Ministério da Agricultura aponta áreas mais propícias para o cultivo de dendê**. Disponível em: <https://pet.agro.ufg.br/n/7194-dende-ministerio-da-agricultura-aponta-areas-mais-propicias-para-o-cultivo-de-dende>. Acesso em: 01 out. 2023

QUERINO, Manuel. **O colono negro como factor de civilização brasileira**. Salvador: Imprensa Oficial do Estado da Bahia, 1918. Disponível em: [http://www.museuafrobrasil.org.br/Files/Obras\\_Raras/tb004634.pdf](http://www.museuafrobrasil.org.br/Files/Obras_Raras/tb004634.pdf) Acesso em: 01 out. 2024.

SILVA, Renata Aquino da Silva. **Afroinscrições em Petrópolis - História Urbana, Memória e Territorialidade**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, 2018.

TAVARES, Camila, *et al.* **Estudo temporal dos eventos pluviométricos e dos eventos de inundações na rua Coronel Veiga (Petrópolis-RJ) entre os anos de 2017-2020**: um estudo a partir da suscetibilidade e da vulnerabilidade. III Congresso Brasileiro de Organização do Espaço XV Seminário da Pós-Graduação em Geografia em São Paulo (pdf.) UNESP: Rio Claro, Out. 2021. p. 52.

---

<sup>i</sup>Ágatha Bianca Corrêa, ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-4865-240X>

Colégio Estadual Rui Barbosa

Estudante do 3º ano do Curso Normal do Colégio Estadual Rui Barbosa, SEEDUC/RJ, na cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil.

Contribuição de autoria: Investigação, Validação e Visualização.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9987202818247193>

E-mail: [agathacor220@gmail.com](mailto:agathacor220@gmail.com)

<sup>ii</sup>Tábatha Bianca Corrêa, ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-3677-6524>

Colégio Estadual Rui Barbosa

Estudante do 3º ano do Curso Normal do Colégio Estadual Rui Barbosa, SEEDUC/RJ. Email: Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil.

Contribuição de autoria: Investigação, Validação e Visualização.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0309172629762015>

E-mail: [tabathacorrea70@gmail.com](mailto:tabathacorrea70@gmail.com)

<sup>iii</sup>Dann Dara Elizabeth Rodrigues da Costa, ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-3406-0263>

Colégio Estadual Rui Barbosa

Estudante do 3º ano do Curso Normal do Colégio Estadual Rui Barbosa, SEEDUC/RJ. Email: Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil.

Contribuição de autoria: Investigação, Validação e Visualização.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2767313192802256>

E-mail: [danndararodrigues@gmail.com](mailto:danndararodrigues@gmail.com)

<sup>iv</sup> **Roberta dos Santos Gregório Neves**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9447-5976>

Universidade Federal de Juiz de Fora

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. Professora de Geografia do Curso Normal, do Colégio Estadual Rui Barbosa - SEEDUC/RJ, em Petrópolis/RJ.

Contribuição de autoria: Administração do Projeto, Análise Formal, Curadoria de Dados, Metodologia, Conceituação, Curadoria de Dados, Escrita – Revisão e Edição, Investigação.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7118687322367201>

E-mail: [roberta.dossantosgregorio@gmail.com](mailto:roberta.dossantosgregorio@gmail.com)

<sup>v</sup> **Henrique Cunha Junior**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9664-5545>

Universidade Federal do Ceará

Professor visitante da Universidade Federal da Bahia. Professor Titular da Universidade Federal do Ceará. Membro do Instituto de Pesquisa da Afrodescendência – IPAD.

Contribuição de autoria: Administração do Projeto, Análise Formal, Conceituação, Escrita – Primeira Redação, Investigação, Metodologia, Conceituação, Supervisão, Validação e Visualização.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3168771550890062>

E-mail: [hcunha@ufc.br](mailto:hcunha@ufc.br)

**Editora responsável:** Arliene Stephanie Menezes Pereira Pinto

Recebido em 10 de maio de 2024.

Aceito em 03 de setembro de 2024.

Publicado em 02 de dezembro de 2024

### Como citar este artigo (ABNT):

CORRÊA, Ágatha Bianca; CORRÊA, Tábatha Bianca; COSTA, Dann Dara Elizabeth Rodrigues da; NEVES, Roberta dos Santos Gregório; CUNHA JÚNIOR, Henrique. Dendezeiros de Petrópolis como Afroinscrição. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 5, n. 1, 2024.